



«Gladiadores» volta à cena

Dez anos depois, Castro Guedes volta ao teatro em Viana do Castelo, com «Gladiadores». Em entrevista ao DN fala da política de subsídios da SEC, que, no essencial, considera correcta.

FRANCISCO MANGAS

NO PRINCÍPIO da década de 30, a estreia de *Gladiadores*, no Teatro Almeida Garrett (hoje D. Maria II) foi pateada. Figuravam os melhores actores da época — Villaret, Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, entre outros —, mas o público não gostou. É este texto de Alfredo Cortez que Castro Guedes, a convite do Teatro do Noroeste, vai levar à cena no Sá de Miranda. Estreia a 13 de Março.

Castro Guedes projecta ainda um espectáculo sobre Almada Negreiros e prossegue o seu programa quinzenal no canal 2, «Dramazine».

Diário de Notícias — Porquê a escolha agora de «Gladiadores»?

Castro Guedes — Prometi a mim mesmo só fazer dramaturgia portuguesa até ao fim do milénio. A dramaturgia portuguesa dos finais do século XIX até aos anos 50 é muito rica. E Alfredo Cortez é um dos nossos melhores dramaturgos. Em 1934, o espectáculo foi pateado por estar fora do tempo.

DN — Pensa voltar ao Porto?

CG — Só em condições especiais. As razões que me levaram a abandoná-lo, ou o Porto a abandonar-me, ainda não estão resolvidas...

DN — São as mesmas?

CG — Agravaram-se. Quando saí, acusado de ser um obstáculo ao teatro na cidade, nomeadamente por pessoas que hoje não fazem teatro, ainda havia essas pessoas a fazê-lo. Hoje só existe a Seiva Trupe.

DN — Lembro-me da ideia da SEC para a fusão das três companhias portuguesas...

CG — Considerei-a uma ideia tola. O tempo deu-me razão. Mas há uma pequena diferença: continuo no teatro, Teresa Gouveia já não está na Cultura.

DN — E o TEAR? Ainda é possível um regresso?

CG — Creio até que já não funciona e só voltaria ao Porto para trabalhar numa grande companhia. Ou, então, esporadicamente.

DN — Concorda com os critérios de subsídios da SEC?

CG — Vou dizer uma coisa

que pode ser chocante: no essencial, os critérios são correctos. A minha posição, se calhar, é mais radical. Os subsídios regulares na forma actual tem impedido, nos últimos anos, o desenvolvimento do teatro português e a expressão de novos valores. Os subsídios deveriam ser a projectos e simultaneamente a espaços. Concretamente à atribuição destes subsídios, causa-me alguma perplexidade não ver contemplado o grupo Persona, que tem destacado a dramaturgia portuguesa.

DN — Portanto, o critério julga-o correcto?

CG — No essencial. Ou seja: ao ter em conta a qualidade e os públicos por um lado, por outro tem em conta a cobertura do todo nacional.

DN — Voltando ao Porto. Que é necessário para haver teatro nesta cidade?

CG — Muitas coisas. O passo dado não sei se foi seguro. Não sei se será em direcção ao abismo (refiro-me ao Teatro Nacional de São João). Se se trata apenas de uma garagem para receber espectáculos de fora, penso que se deu um passo para o abismo. Se se trata disso numa primeira fase e, numa segunda, se criar uma estrutura de produção no Porto, penso que se deu um passo muito grande em direcção a um dos aspectos da resolução do problema. Mas não basta. É preciso a interven-

ção da autarquia. A atitude da actual vereadora da Cultura parece-me distinta das de vereações anteriores.

DN — Depois de «Gladiadores», volta-se para Almada Negreiros?

CG — Sim, com um espectáculo inscrito nas comemorações do centenário do artista. Faz cem anos a 7 de Abril que ele nasceu. Nesse dia penso começar a ensaiar um espectáculo a estreiar a 1 de Junho, no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

DN — O «Dramazine» vai continuar?

CG — Para já, continua. E bom seria que voltasse a semanal: há muita informação teatral.

DN — E a audiência...

CG — As mais baixas audiências de TV são superiores ao número de leitores dos jornais. Não tenho dados exactos, mas posso dizer-lhe que o «Dramazine» tem uma audiência superior a um programa do género em França.



◆ Castro Guedes só voltaria ao Porto em condições muito especiais. E até ao fim do milénio dedicar-se-á apenas à dramaturgia portuguesa. Entretanto, projecta um espectáculo sobre a figura de Almada Negreiros, inscrito nas comemorações do centenário do artista.



DN-Amin Choor

► **O TEATRO SÁ DE MIRANDA** vai receber a peça de Alfredo Cortez, que Lisboa pateou em 1934, «por estar fora do tempo»

ESTREIA DE 1934 NA SALA ALMEIDA GARRETT

UMA PATEADA NA MEMÓRIA DE LISBOA

Os actores dirigem-se ao público e explicam a razão da sua recusa em participar no espectáculo. É insultuoso para o sexo forte, dizem.

Assim começa *Gladiadores*, drama simbolista de Alfredo Cortez. Foi representado pela primeira vez em Janeiro de 1934, no Teatro Nacional Almeida Garrett (actual D. Maria II, de Lisboa). O final da estreia acabou com uma forte pateada.

O público lisboeta da época, que até aí se mantivera sempre fiel ao trabalho do dramaturgo, não perdoou

«a ironia do Cortez intelectual».

Gladiadores, meio século depois, volta ao palco, longe dos olhares de Lisboa. É o primeiro de seis espectáculos diferentes que o Teatro do Noroeste vai produzir este ano em Viana do Castelo, na sala do Sá de Miranda. A Alfredo Cortez seguir-se-ão dois dramaturgos estrangeiros: Goldoni e Merimée.

Há ainda uma produção destinada aos mais novos, *A Flauta Mágica*, de António Torrado. E o Teatro do Noroeste irá encerrar a temporada

com dois textos de outro autor português. Em torno de duas personagens históricas, Fernão de Magalhães e Francisco Manuel de Mello, José Jorge Letria levanta pistas de discussão sobre temas como a pátria e os exílios, a traição e os nacionalismos.

O Teatro do Noroeste, companhia residente no ~~Teatro Sá de Miranda~~, nasceu há pouco mais de um ano. Este ano a Secretaria de Estado da Cultura atribuiu-lhe um subsídio de 16 mil contos.